

O Entendimento e as Experiências da Autodeclaração de Raça: Um Estudo Exploratório Com Profissionais Negros

THAYZ QUERINO DOS SANTOS SANZ

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE (MACKENZIE)

thaysanz@gmail.com

JULIANA VIEIRA PEREIRA DE OLIVEIRA

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE (MACKENZIE)

juuuholiveira@hotmail.com

MARISA ROCHA SILVA

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE (MACKENZIE)

marisa.rocha@hotmail.com

VERONICA SILVA PONTES

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE (MACKENZIE)

flaur@hotmail.com

JAMILLE BARBOSA CAVALCANTI PEREIRA

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE (MACKENZIE)

jamillebc@uol.com.br

Introdução

O presente trabalho objetivou investigar o entendimento e as experiências dos profissionais que se autodeclararam negros no contexto organizacional. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa e exploratória com 20 profissionais negros. A análise de conteúdo foi o procedimento adotado para a coleta de dados. Os resultados apresentam dados sobre a autodeclaração de raça, sobre o que significa ser negro e ser pardo e abre uma discussão sobre a atuação do Estado e da iniciativa privada no sentido de coibir comportamentos que denotem a diminuição do negro na sociedade.

Problema de Pesquisa e Objetivo

Este trabalho teve objetivo geral responder a seguinte pergunta: qual o entendimento e as experiências de autodeclaração de raça por parte de profissionais negros? Por objetivos secundários buscou-se: a) compreender o entendimento de raça dos entrevistados segundo a classificação de raça do IBGE; b) identificar os principais critérios para a definição da raça negra; c) verificar se os entrevistados distinguem o ser negro ou ser pardo e d) conhecer as experiências da autodeclaração de ser negro nas relações sociais e de trabalho

Fundamentação Teórica

Este trabalho tem por fundamentação teórica as abordagens com base em quatro grandes temas: 1º - A Identificação de raça no Brasil, com base nos estudos de Osório(2003); Azevedo (2015);Munanga(2005); 2º - A classificação de raça e o embranquecimento social no Brasil com base em: Figueiredo (1998); Nucci (2003), Munanga (2005); Hofbauer (2000), Soares (2004); 3º A população negra no Brasil: o preto e o pardo com base nas referências de Freitas (2009); Osório (2013); Munanga (2005); e 4º a Autodeclaração de Raça com base no estudos de Lima (2008), Coelho Junior (2011), Osório (2013).

Metodologia

Para atender aos objetivos deste trabalho foram realizadas entrevistas sob o método qualitativo. As análises de dados foram realizadas com base na análise de conteúdo (BARDIN,1977). Os dados foram coletados por meio de entrevistas realizadas com vinte indivíduos. O critério para escolha dos entrevistados foi o de acessibilidade. Os sujeitos de pesquisa eram indivíduos com vínculo empregatício e que se autodeclaravam pardos ou negros O tempo médio de duração das entrevistas foi de quarenta e cinco minutos. Foi realizado um roteiro com perguntas semiestruturadas

Análise dos Resultados

A pesquisa relatada neste trabalho ao atingir os objetivos propostos trouxe à tona alguns dados que não são totalmente novos, nem totalmente desconhecidos, embora sejam muitas vezes encobertos, tais como a existência do preconceito e da negação do negro em relação à própria identidade. No entanto, dados desta mesma pesquisa revelam um fato que é muito importante em meio a tantos outros, trata-se do conforto, da segurança e do apoio que os entrevistados relataram sobre a existência da lei contra o racismo. Este dado se torna central nas considerações finais deste trabalho.

Conclusão

A principal contribuição deste estudo está na possibilidade de expandir as discussões relacionadas à autodeclaração, no sentido de que a escolha do indivíduo seja pautada em suas próprias decisões, mas também alertar para a necessidade de uma atuação do Estado e da iniciativa privada no sentido de coibir e controlar comportamentos que denotem a diminuição do valor social do negro ou de qualquer outro grupo social preterido na sociedade. Sugere-se que estudos futuros sejam feitos para investigar melhor os mecanismos existentes na sociedade e suas instituições que possam focar este fim.

Referências Bibliográficas

- FIGUEIREDO, Angela. Fora do jogo: a experiência dos negros na classe média brasileira. Cad. Pagu, Campinas , n. 23, p. 199-228, Dec. 2004 .
- HOFBAUER, Andreas ; Ideologia do branqueamento - racismo à brasileira?. In: VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro, 2000, Porto. Actas do VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Porto, 2000. v. II. p. 7-12.
- HASENBALG, C.A.; MUNANGA, K.; SCHWZRCZ, L.M.: Racismo: Perspectivas para um estudo contextualizado da sociedade Brasileira. Rio de Janeiro, EDUFF, 1998,.
- MUNANGA, K. Algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra

O Entendimento e as Experiências da Autodeclaração de Raça: Um Estudo Exploratório Com Profissionais Negros

1. INTRODUÇÃO

O Brasil é um país miscigenado constituído de um povo que tem em sua pele a mistura de cores: a branca, a negra, a vermelha e a amarela. Em função desta variedade torna-se difícil saber o que define a identidade étnica do seu povo, mais popularmente conhecida como raça (NOGUEIRA, 1985).

Telles (2003) destaca que há três modos de classificação racial no Brasil: o modo oficial (IBGE) que adota quatro categorias de cores a partir da autodeclaração: branco, preto, amarelo e indígena. O segundo modo seria o popular, que se caracteriza por uma grande quantidade de termos que descreve cores e raças, baseado no amplo vocabulário do brasileiro (como: mulato, moreno, mestiço, café com leite etc.), e o último é o binário. Este é utilizado pelos movimentos negros, que usam apenas dois termos para classificar raças, o negro e o branco.

Independentemente de quais sejam as diferenças de classificação racial existentes no Brasil para a designação dada a cor da pele, todas fazem eclodir sentimentos e significados sobre o que as pessoas pensam acerca de si mesmas na relação com outros, enquanto brancas, negras, amarelas ou indígenas, ou seja, tem uma relação com o processo de identificação étnica.

A identificação étnica refere-se ao uso que uma pessoa faz de termos raciais, nacionais ou religiosos para se identificar, para se associar com outros aos quais se assemelha ou ao grupo ao qual pertence (OLIVEIRA, 1976). Fredrick Barth (1969) define grupo étnico por fatores biológicos e compartilhamento de valores culturais fundamentais e por etnia se entende a representação coletiva de um determinado grupo social (POUGINAT; STREIFF- FENART, 1998). Para ser analisada, a identidade étnica mais popularmente conhecida como racial, precisa ser considerada a partir de dois grandes aspectos vivenciados pelos indivíduos: o sentimento individual e o reconhecimento social que os indivíduos possuem acerca do grupo aos quais pertencem (NOGUEIRA, 1985). Sobre este último aspecto, tem-se a dizer que no Brasil ainda há muito que acontecer para que brancos e negros sejam percebidos e reconhecidos igualmente, especialmente no que diz respeito às oportunidades de trabalho.

A falta de reconhecimento da importância dos negros no contexto organizacional brasileiro é refletida nos dados sobre o desenvolvimento profissional dos mesmos, pois além de ocuparem posições hierárquicas menores na organização, eles ganham menos do que os brancos mesmo exercendo funções similares (DIEESE, 2014). Galgar cargos de maior importância na empresa torna-se muito difícil, e quando isto ocorre, o negro acaba por se distanciar de seu mundo, embranquecendo socialmente, isto é, pessoas negras procuram se branquear através do casamento, crescimento social ou na área da educação (HASENBALG, 1998).

A falta de reconhecimento do valor social das pessoas negras é longínqua. Magnoli (2009) destaca que durante o processo histórico surgiu na sociedade brasileira a ideia de que um país constituído por pessoas de pele escura jamais ocuparia um lugar de destaque no mundo. Ao que parece a ideia do negro não ocupar um lugar de destaque no mundo esteve associada à ideia de que ele não deveria ocupar um lugar de destaque nos espaços de produção de trabalho e de riqueza e, por conseguinte, nas camadas sociais privilegiadas. Em função desta construção social muitas pessoas negras buscaram se branquear através de diversos artifícios, como união, educação ou outros (HASENBALG, 2004).

A autodeclaração de raça enquanto parte da construção da identidade étnica das pessoas no Brasil não tem recebido a devida atenção no contexto organizacional brasileiro e esta lacuna está presente na academia, pois não foram encontrados muitos estudos científicos em torno deste assunto, no entanto, Coelho Junior (2011) destaca que não é difícil encontrar pessoas

negras em diferentes corporações que negam a própria identidade, seja para se defenderem de um racismo sofrido, para preservarem seus empregos ou, até mesmo, para se manterem livres de conflitos ao buscarem nomes alternativos para denominarem sua cor. Este mesmo autor ressalta que um sistema social pode ser racista, no sentido de excluir negros, mesmo se as pessoas não são declaradamente racistas.

Em função do que foi exposto anteriormente surgiu neste trabalho a seguinte pergunta como norteadora do problema da pesquisa: Qual o entendimento e as experiências de autodeclaração de raça por parte de profissionais negros? O objetivo geral deste trabalho de pesquisa foi, portanto, o de captar o entendimento e as experiências de autodeclaração de raça por parte de profissionais negros. Por objetivos secundários buscou-se: a) compreender o entendimento de raça dos entrevistados segundo a classificação de raça do IBGE; b) identificar os principais critérios para a definição da raça negra; c) verificar se os entrevistados distinguem o ser negro ou ser pardo e d) conhecer as experiências da autodeclaração de ser negro nas relações sociais e de trabalho.

Situações desconfortáveis relacionadas à raça no ambiente de trabalho

A fim de atingir os objetivos anteriormente apresentados este artigo contempla três grandes seções no referencial teórico: a primeira apresentará a composição demográfica no Brasil e a autodeclaração de raça, a segunda abordará a questão da classificação de raça e a terceira enfatizará a autodeclaração de raça no âmbito institucional. Após este apanhado, será apresentada a seção dos procedimentos metodológicos e dos resultados obtidos na pesquisa de campo realizada para trabalhar o problema de pesquisa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. A COMPOSIÇÃO DEMOGRÁFICA DE RAÇA NO BRASIL

O censo demográfico é a análise estatística mais complexa realizada em um país, sendo responsável por apresentar diversas características e informações referente à população. Uma das características observadas durante o Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é a autodeclaração de cor ou raça, onde o indivíduo pode optar por se declarar como branco, preto, pardo, amarelo e indígena.

Segundo o censo realizado pelo IBGE em 2010, a distribuição da população brasileira revela que 50,7% da população brasileira é composta por pretos e pardos (82 milhões de pessoas se declararam como de cor parda, o equivalente a 43,1%, e 15 milhões de cor preta, representando 7,6% do total). Contudo, sua distribuição nas classes sociais não está equilibrada. Ainda segundo o IBGE, a renda per capita dos brancos é superior a dos pretos e pardos, com maior desigualdade apresentada na região Sudeste, onde os brancos têm rendimentos 2 vezes maiores do que pretos e 2,1 maiores do que pardos.

Apesar da maioria da população brasileira ser formada por pretos e pardos, a desigualdade de renda entre brancos e negros, pode ser diretamente relacionada com o tipo de inserção no mercado de trabalho e com a posição de ocupação. Outra pesquisa realizada pelo IBGE em 2013, registrou que os trabalhadores de cor preta ou parda tiveram médias anuais de rendimentos de R\$ 1.374,79, enquanto a dos trabalhadores de cor branca foi de R\$ 2.396,74. Um exemplo disso ocorre em São Paulo, onde negros recebem 65,3% do rendimento médio por hora daquele recebido por não negros, conforme mostra pesquisa realizada pelo DIEESE em 2014.

Uma possível causa para a desigualdade salarial no Brasil são os níveis de escolaridade, que também apresentam grandes diferenças entre negros e brancos. Porém, conforme apresentado pelo DIEESE (2014), o avanço escolar beneficia de maneira mais expressiva os não negros. No entanto, o resultado dos avanços relacionados à escolaridade não são vistos nas empresas. A proporção de negros nos níveis hierárquicos é progressivamente menor nos níveis mais elevados. A causa dessa sub-representação dos negros nos postos de maior poder, destaque e remuneração é atribuída ao baixo nível de escolaridade dos negros em nosso país (COELHO JUNIOR, 2011).

2.2. A IDENTIFICAÇÃO DE RAÇA NO BRASIL

Um método de identificação racial é um procedimento estabelecido para a decisão do enquadramento dos indivíduos em grupos definidos pelas categorias de uma classificação, sejam estas manifestas ou latentes (OSÓRIO, 2013). Costuma-se se afirmar que o brasileiro não teria um sentimento de identidade racial e que as classificações oficiais, tais como as pesquisas do IBGE, seriam totalmente artificiais.

As pesquisas do próprio IBGE apontam para a existência de um sem-fim de cores e raças informadas pelos brasileiros quando são questionados acerca de sua identidade étnica, pois apesar de limitar a cinco opções de cores, os indivíduos ainda preferem optar por outras classificações (AZEVEDO, 2012).

Há uma grande diferença na forma como a raça é classificada no Brasil e nos Estados Unidos. Nos Estados Unidos uma única gota de sangue é a base para definir se uma pessoa é negra ou branca, eliminando a existência dos mestiços e fazendo com que mesmo que a pessoa tenha a aparência de branca, ela seja classificada por sua declaração. Desta forma, tornam-se unidos por sua identidade racial, que vem de sangue, assumindo para a sociedade americana sua mistura e sua busca pelo fortalecimento de sua cultura (MUNANGA, 2005). Já no Brasil, é utilizada a autodeclaração.

É necessário considerar um aspecto importante quando tratamos de autodeclaração: a riqueza do vocabulário racial brasileiro é algo que revela a fuga da identidade negra, como estratégia de fuga de uma identidade desprezada. Isto é, não existe a mesma riqueza de vocabulário no grupo branco. Isso é um indício que o grande número de expressões para se referir à identidade racial seja um indício do sentimento de inferioridade racial por parte da população negra (OSÓRIO, 2013).

Sansone (1996) conclui que a auto declaração de cor define grupos de indivíduos com características culturais e sociais semelhantes. O termo em que as pessoas indicam a própria cor pode indicar uma posição social e postura cultural, e ao classificar os outros, não se refere apenas ao aspecto físico, mas por um conjunto que inclui modo de vida, nível escolar, renda e até mesmo simpatia ou antipatia.

2.3. A POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL: O PRETO E O PARDO

A população negra no Brasil é aquela que se declara preta ou parda nas pesquisas do IBGE (FREITAS, 2009). Assim, nosso país é o que apresenta maior número de negros depois da Nigéria. Aqui, no entanto, pobreza e baixo nível de educação formal estão entrelaçados.

As manifestações racistas não estão somente baseadas na cor do indivíduo, mas a real motivação do preconceito é apontada para as desigualdades sociais (FREITAS, 2009). Se observarmos apenas estatisticamente, o que aproxima pretos e pardos é a questão socioeconômica. Osório (2013) afirma que anteriormente, os pardos estavam no meio termo entre pretos e brancos, contudo embora se distingam pela cor, social e economicamente falando

pretos e pardos vivem em condições muito mais próximas e distantes da realidade do branco. Desta forma, situar pretos e pardos de forma conjunta justifica-se duplamente. Primeiramente, pela similaridade da realidade socioeconômica que vivem, e pelas discriminações sofridas por ambos os grupos. Todavia, identificar a fronteira entre quem é branco e quem é pardo, é ainda mais complicado.

A classificação racial ao contrário do que possa parecer não torna mais precisa a delimitação dos grupos. Desta forma, quando se agregam pretos e pardos na mesma categoria, dissolve-se o problema do limite, porém acentua-se o problema da fronteira entre pardos e brancos. No entanto, aos pardos com fenótipos mais próximos do branco, é permitida a ascensão a postos mais altos na hierarquia social, isto condicionado à adesão ideológica à crença na democracia racial e sua transformação em negro socialmente branco (OSÓRIO, 2013).

É importante destacar que a classificação não busca estabelecer um limite biológico, mas visa aproximar características socioculturais e locais. Assim, onde vigora o preconceito de marca, é na carga de traços, na aparência de negro (OSÓRIO, 2013). Pardos têm menos traços, mas estes traços são marcantes, do contrário seriam brancos. É justamente a presença destes traços que elege as vítimas de discriminações.

2.4. A CLASSIFICAÇÃO DE RAÇA, O EMBRANQUECIMENTO E A CLASSIFICAÇÃO SOCIAL NO BRASIL

Etimologicamente, o conceito de raça veio do italiano *razza*, que por sua vez veio do latim *ratio*, que significa sorte, categoria, espécie (MUNANGA, 2005). Na história das ciências naturais, o conceito de raça foi primeiramente usado na Zoologia e na Botânica para classificar as diversas espécies animais e vegetais.

A classificação racial brasileira é única, e reflete preocupações engendradas pela história nacional. Contudo em outros países, conceitos como etnia, tribo, nação, povo e raça recebem conteúdos locais, pois as bases para a delimitação das fronteiras entre grupos sociais são produzidas pela história de cada sociedade (OSÓRIO, 2013). Algumas pessoas negras internalizaram o ideal de branqueamento e não se consideram como negras. Por isso, a auto afirmação de identidade do negro é um processo doloroso. “ Os conceitos de negro e de branco têm um fundamento etno-semântico, político e ideológico, mas não um conteúdo biológico” (MUNANGA, 2004).

A busca do branqueamento da sociedade brasileira remonta a época do Brasil Império, onde as elites da época buscavam construir uma civilização moderna nos trópicos, todavia, um país constituído por pessoas de pele escura jamais ocuparia um lugar de destaque no mundo. Assim inicia-se o processo de branqueamento, proposto por D. João VI. Este financiou a imigração de colonos suíços e alemães, que constituíram Nova Friburgo, Rio de Janeiro (MAGNOLLI, 2009).

Magnoli (2009) afirma que a ideia de branquear a população surgiu em 1810, antes mesmo da vinda da família real para o Brasil e foi criada por um mulato, José da Silva Lisboa. Prioritariamente visava frear o crescimento da população negra e mestiça, importando europeus e encerrando o tráfico de escravos. José Bonifácio de Andrada apoiou de forma parcial o projeto de branqueamento, incentivando o casamento inter-racial, que significava uma etapa intermediária do processo deste processo, e em 1911 foi apresentada por João Batista Lacerda em uma tese que profetizava a “extinção paralela do negro no Brasil”.

Contudo, a sociedade brasileira não se inclinou na direção imaginada pelas elites imperiais. A realização de censos da época mostrou que o resultado real foi uma “pardização”, ou seja, o aumento da população de pardos no Brasil. As respostas recebidas no censo de 1920 foram moldadas por concepções e ideologias que faziam parte de cada momento histórico, e na

segunda metade do século XX, a maioria das pessoas já não se identificava como preta, optando por identificarem-se como pardos, bem como houve também pessoas que outrora se identificassem como brancas, passaram a se declarar pardas, mesmo que em quantidade menor (MAGNOLI,2009). A ideologia do branqueamento é um elemento chave para entender o racismo brasileiro (HOFBAUER,2000).

Na análise de Oliveira (1976), quando uma pessoa ou grupo se afirma de uma determinada forma, o faz buscando a diferenciação. Assim surge uma identidade por oposição. No caso de identidade étnica, ela se afirma negando a outra identidade.

O preconceito contra negros atua diretamente nos processos de mobilidade social. Historicamente, o racismo age colocando os negros em um patamar inferior, o que representa uma desvantagem, uma vez que a cada nova geração, o volume de negros que saem das camadas inferiores é maior que o de brancos (HASENBALG, 1979).

Assimilar valores da sociedade branca foi uma das formas encontradas pelo negro para conseguir uma melhora em sua condição socioeconômica. O trabalho é uma tentativa de relativizar as teorias sobre o negro em ascensão que enfatizam a importância do branqueamento como estratégia de mobilidade social (SOARES, 2004). No entanto, as pessoas estão buscando o branqueamento, pois negam se assumirem-se como negras e procuram se branquear através do casamento, crescimento social ou na área da educação. Assim, um dos aspectos evidenciados no Brasil é a autonegação do negro (HASENBALG, 1998).

Dados evidenciavam a existência de preconceitos raciais profundos na sociedade brasileira, onde negros optavam por cônjuges mais claros como uma forma de proteção aos filhos. Assim, seus filhos sendo mais claros, teriam oportunidade de ascender na escala social. Criavam-se à época, campanhas educativas nos jornais que pretendiam ensinar ao público sobre comportamento e educação que estimulavam o abandono da vadiagem e dos vícios. (NUCCI, 2003). Inclusive, Figueiredo (1998) postula que o fato do indivíduo perceber que é o alvo do preconceito, não se traduz necessariamente em atitudes que sejam eficazes ou politicamente relevantes no combate a este racismo. Ou seja, há uma conformidade, entre o senso comum e as ciências sociais sobre qual é o lugar do negro na sociedade brasileira.

O outrora o negro tivesse acesso às oportunidades através das relações que mantinha com os brancos, como forma de reconhecimento por sua fidelidade, e ainda assim tais situações eram raras e mantinham estes pretos em condições sociais inferiores. (FIGUEIREDO,1998). Contudo, ainda são vistos resquícios de uma proximidade histórica com a escravidão, isto explica o porquê os negros ainda são vistos nos extratos inferiores nas hierarquias profissionais (OSÓRIO, 2013).

Os negros que alcançam o status de vencedores desta situação são aqueles que mesmo que tenham se tornado “outra pessoa” ideologicamente falando, optaram em responder totalmente ao apelo da ascensão social, que implica na conquista de valores e prerrogativas dos brancos, com todos os seus detalhes (SANTANA E CAMARGO, 1999).

2.5 A AUTODECLARAÇÃO DE RAÇA NO ÂMBITO INSTITUCIONAL

Lima (2008) afirma que atualmente a existência de um racismo institucional é mencionada com relação a discriminações em organizações, profissões e também em toda sociedade. Nas instituições, os negros que sofreram algum preconceito, costumam esquivar-se utilizando a descontração, para reverter situações complicadas onde são colocados somente pelo fato de serem negros (COELHO JUNIOR, 2011). Colaboradores negros que optam por enfrentar essas situações, tem suas relações desgastadas, recebendo hostilidade. Então optam por contornar os conflitos.

Coelho Junior (2011) aponta que o indivíduo revela uma autonomia constante, ainda que relativa, para se manter na dinâmica organizacional. Independente das oportunidades de

recursos que possuem, são aptos a reverter situações adversas a depender da capacidade que apresentem de se relacionar com os outros, de formar alianças, de demonstrar a solidariedade aos colegas ou mesmo de suportar pressões psicológicas que podem advir dos conflitos.

A progressão em uma carreira para um jovem negro é diferenciada pelas suas oportunidades, escolhas e pelo meio que vive. Em geral a maioria da população negra brasileira sobrevive à margem da sociedade em situações precárias, e sem o respaldo da educação familiar, herança ou vínculo com a classe onde querem se inserir, tem de lutar contra toda uma sociedade baseada na ideologia branca (SANTANA ; CAMARGO, 1999).

As experiências vividas na infância e adolescência, os atos discriminatórios pelos quais os negros passam, refletem na sua auto imagem e comportamento, de forma a buscarem alternativas como a aproximação de pessoas que podem contrabalancear seus “defeitos”. Isto os leva a uma posição de fragilidade que impede a manifestação de suas potencialidades e os imobiliza (SANTANA; CAMARGO, 1999).

O quadro vivenciado pela mobilidade social de acordo com Osório (2013) reflete a seguinte situação: diante de um negro e um branco vindo de classe social baixa, mesmo que com nível educacional igual, a sociedade privilegiará o branco na escolha para cargos intermediários e superiores. Eventualmente, pode privilegiar um branco com menor nível de escolaridade em detrimento ao negro mais instruído.

Diante do exposto, entende-se que é possível identificar o posicionamento dos indivíduos ao relacionarmos as experiências vividas em sua trajetória profissional perante as escolhas relacionadas à auto declaração de raça, de forma a justificar a aceitação ou rejeição de suas ações com base no processo de internalização, experiências pessoais, valores e conceitos sobre raça enraizados no senso comum da sociedade, que podem refletir nas organizações.

3.PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 TIPO DE PESQUISA E COLETA DE DADOS

Para atender ao objetivo geral e aos específicos deste trabalho foram realizadas entrevistas sob o método qualitativo. As análises de dados foram realizadas com base na análise de conteúdo, que de acordo com Bardin,(1977), são técnicas de análise de dados qualitativos aos quais buscam-se indícios e convergências de frases ou palavras que possam aparecer nas entrevistas realizadas.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas realizadas com vinte indivíduos, oito homens e doze mulheres fora de seu local de trabalho e sob o critério de preservação de suas identidades. O tempo médio de duração das entrevistas foi de quarenta e cinco minutos. Para tanto, foi realizado um roteiro com perguntas semiestruturadas. O roteiro foi submetido a um pré-teste com 5 pessoas, com o objetivo de verificar a clareza, validade semântica e relevância para o conteúdo do trabalho. Após esse procedimento, o roteiro sofreu alterações e finalizou com as questões apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1: Roteiro de Perguntas

	Perguntas
1	Você conhece a classificação de raça no Brasil segundo o IBGE? Como ela é?
2	O que define a pessoa ser negra?
3	Há diferença entre ser negro e pardo?
4	Você sabia que a classificação de raça no Brasil não distingue o negro do pardo? Você concorda com isso?
5	Como você se autodeclara? Por quê?

6	Existe dificuldade em se identificar como negro no ambiente de trabalho? Por quê?
7	Você já presenciou situações desconfortáveis relacionadas ao assunto de cor ou raça? Poderia descrever.
8	Você acredita que sua empresa seja imparcial no tratamento dado às pessoas de diferentes raças?
9	A sua empresa dá liberdade para que o colaborador escolha como usar seu cabelo ou vestimenta?
10	Você conhece algum caso de alguma pessoa que já se sentiu desconfortável em concorrer a uma vaga desejada por se autodeclarar negro? Pode descrever.

Fonte: Elaborado pelas autoras

3.2 SUJEITOS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada com vinte pessoas, de diferentes áreas profissionais e níveis escolaridade. O critério para escolha dos entrevistados foi o de acessibilidade. Os sujeitos de pesquisa deste estudo eram indivíduos que tinham vínculo empregatício para que pudessem ser analisadas as diversas situações do cotidiano em diferentes ambientes corporativos. Foram escolhidos indivíduos maiores de 18 anos. Além destas características, foram escolhidos sujeitos que se autodeclaravam pardos ou negros, pois isto tornou possível a identificação dos mesmos com as perguntas elaboradas nas entrevistas.

Quadro 2: Descrição dos sujeitos entrevistados

Descrição geral dos Sujeitos Pesquisados				
	Sexo	Idade	Etnia	Escolaridade
E1	Feminino	21	Negra	Superior Incompleto
E2	Feminino	48	Parda	Pós-Graduação
E3	Feminino	26	Negra	Superior Incompleto
E4	Feminino	45	Parda	Ensino fundamental
E5	Feminino	25	Parda	Ensino Médio
E6	Feminino	30	Negra	Ensino Médio
E7	Feminino	27	Parda	Ensino Médio
E8	Feminino	23	Negra	Superior Completo
E9	Feminino	27	Negra	Pós-Graduação
E10	Feminino	33	Negra	Pós-Graduação
E11	Feminino	24	Negra	Graduação Completa
E12	Feminino	43	Negra	Superior Completo
E13	Masculino	21	Negra	Superior Incompleto
E14	Masculino	36	Pardo	Superior Completo
E15	Masculino	20	Pardo	Superior Incompleto
E16	Masculino	21	Negro	Nível Técnico
E17	Masculino	34	Negro	Superior Completo
E18	Masculino	37	Negro	Superior Completo
E19	Masculino	45	Negro	Superior Incompleto
E20	Masculino	51	Negro	Superior Completo

Fonte: Elaborado pelas autoras

3.3 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS

A análise de conteúdo foi o procedimento utilizado para a análise dos dados (BARDIN, 1977), visando investigar os conteúdos das mensagens expressas pelos entrevistados em três fases: pré-análise, exploração do material e utilização de categorias. Neste trabalho foram utilizadas categorias pré-definidas para a análise dos dados coletados com base no referencial teórico desenvolvido.

O tema adotado como referência para a unidade de registro foi a autodeclaração de raça. Os indicadores utilizados para a análise dos conteúdos foram: o entendimento do que é raça para o indivíduo, as dificuldades de autodeclaração de negro e o significado da autodeclaração de negro nas relações sociais e de trabalho. Para identificar os conteúdos expressos pelos entrevistados foram investigados os seguintes fenômenos: classificação de raça do IBGE, critérios para a autodeclaração de ser negro, a distinção entre negro e pardo; experiências relacionadas à autodeclaração de ser negro no ambiente de trabalho.

Quadro 3 - Esquema conceitual para a análise de conteúdo

Indicadores	Codificação de fenômenos investigados	Categorias Obtidas
O entendimento sobre o que é raça	Classificação de Raça do IBGE	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento da classificação do IBGE • Utilização do ideário popular onde prevalece vários tipos de raça como: mulato, pardo,
	Critérios para a autodeclaração de ser negro	<ul style="list-style-type: none"> • Cor da pele • Tipo de cabelo • Nariz
	Distinção entre negro e pardo	<ul style="list-style-type: none"> • Há distinção entre pardo e negro • O pardo tem a pele mais clara
Experiências da autodeclaração de ser negro nas relações sociais e de trabalho	Experiências da autodeclaração de ser negro no trabalho	<ul style="list-style-type: none"> • Medo do preconceito • Medo de piadas e brincadeiras pejorativas • Apoio na lei contra o racismo

Fonte: Elaborado pelas autoras

3.4 ANÁLISES E DISCUSSÕES DOS DADOS

O objetivo geral deste trabalho de pesquisa foi o de captar o entendimento e as experiências de autodeclaração de raça por parte de profissionais negros. Por objetivos secundários buscou-se: a) compreender o entendimento de raça dos entrevistados segundo a classificação de raça do IBGE; b) identificar os principais critérios para a definição da raça negra; c) verificar se os entrevistados distinguem o ser negro ou ser pardo e d) conhecer as experiências da autodeclaração de ser negro nas relações sociais e de trabalho.

As análises a seguir apresentarão a síntese dos principais resultados obtidos dos conteúdos expressos nas entrevistas realizadas.

3.4.1 Sobre o entendimento do que é raça

a) O entendimento de raça diante da classificação oficial do IBGE

Ao questionar os entrevistados se eles conheciam a classificação de raça do IBGE, a maioria respondeu positivamente. Porém nenhum indivíduo respondeu de acordo com a classificação oficial, apenas três se aproximaram, usando negro em substituição ao preto. Vale ressaltar que a maioria citou quatro cores, podendo considerar índio e japonês como cor. Verifica-se que cor e raça são conceitos similares para estes indivíduos, pois não separam de forma contundente os termos usados na designação das cores.

[...] Sim, eu conheço... Índio, japonês, branco, negro e pardo... (E 18)

[...] Conheço. Não lembro exatamente, mas conheço. Branco, negro, pardo, amarelo ou alguma coisa do tipo, acho que só. (E 14)

A partir dos dados apresentados é possível observar que os indivíduos entrevistados afirmam que conhecem a classificação de cor do IBGE, no entanto, é nítida a influência do vocabulário popular na designação das cores respondidas (TELLES, 2003). Neste sentido, pode-se dizer que nos conteúdos apresentados há uma mistura da classificação oficial com o ideário popular.

b) Critérios para a autodeclaração de ser negro

Para dezoito dos vinte indivíduos entrevistados a cor da pele é o que define quem é negro. Este traço foi o mais falado nas entrevistas, além do cabelo, encontrado na fala de cinco entrevistados. Nota-se que as características visíveis são as mais importantes para definir o outro. Não foi levado em consideração pelos entrevistados fatores como parentesco, apenas duas pessoas citaram descendência.

[...] Acho que a única coisa que pode identificar é exatamente a cor da pele dela. Se uma pessoa tem a cor clara, ela é branca, se tem a cor negra, cor escura, ela é negra. (E 13)

[...] (E 9) - Ao meu ver, tem pessoas que acham que se identificar como negra ela tem que ter cabelo afro, ela tem que usar coisas que direcionem para um cultura africana, tem pessoas que pensam assim. Mas eu não vejo que a pessoa tem que se identificar como negra. Ela é o que ela é, não consegue pegar uma borracha e apagar. Ela é negra, ela se assumindo ou não. Só que eu acho que você só consegue identificar se a pessoa se assume ou não quando você conversa com ela. Acho que por aparência não é um filtro que as pessoas devem usar para dizer que aquela pessoa se assume como negra.

A cor da pele é o que define quem é negro na visão dos entrevistados, fato este que concorda com Osório (2013), que postula que a identificação racial pode ser estabelecida pela categoria de classificação, que é mais latente. Assim, o fenótipo influencia o outro na classificação de cor.

(E 1) [...] Eu falando por eu me considerar negra, acho que na verdade não é nem a visão que eu tenho mais sim, como as pessoas enxergam. Acho que assim, quando elas

veem traços que lembram muito uma descendência africana, a caracterização vai ser sempre de negro, pelos traços...nariz...

c) Sobre a distinção entre pardos e negros

Para a maioria dos entrevistados há diferenças entre ser preto e ser pardo. O dado que segundo os entrevistados mais chama a atenção está na cor da pele, que é mais clara que a do preto. Isto fica evidenciado na fala de um dos entrevistados:

[...] Existe muita diferença, o negro é o que tem a pele mais escura, o cabelo mais afro, tem características de africano. E o pardo seria a pessoa que é mais a mistura do negro com a pessoa da cor mais clara. (E 2)

[...] Há distinção sim entre negros e pardos, depende do ponto de vista, do meu a pessoa parda, ela não tem traços negros, tem cabelo liso. (E 3)

Osório (2013) destaca que por mais que os pardos tenham menos traços negróides, os que possuem já os enquadram como negros. No entanto, quando questionados sobre como se autodeclararam, quatorze dos vinte indivíduos entrevistados disseram ser negros, mas seis indivíduos se declararam pardos.

[...] Eu sou negra, “nutella”. Pela cor da minha pele, pelo cabelo, eu tenho todas as características. (E 11).

[...] Pardo, porque justamente eu sou mais escuro que uma pessoa branca no geral e mais claro que uma pessoa negra. (E 16)

A necessidade de distinguir o ser negro ou ser pardo talvez tenha uma explicação baseada na necessidade de mobilidade social destaca por Hasenbalg, (1979), uma vez que ser negro no Brasil representou por muito tempo uma desvantagem, desta forma assimilar valores da sociedade branca foi uma das formas encontradas pelo negro para conseguir uma melhora em sua condição socioeconômica. Buscar o branqueamento, negar-se como negro, tornar-se pardo, talvez fosse uma saída para a busca e valorização social.

3.4.3 As experiências da autodeclaração de ser negro nas relações sociais e de trabalho.

Dezesseis dos vinte indivíduos entrevistados indivíduos declaram que as pessoas têm medo de se assumirem como negras. O preconceito sofrido pelos negros nas mais diversas esferas é o motivo principal para oito entrevistados.

[...] (E 14) Muita gente considera a questão de cor não só como raça, mas como demérito, então já conheci gente ofendendo negro ou ofendendo pessoas não necessariamente de cor, como bolivianos, ou outros do tipo, porque se sente confortável do lado da pessoa que não é. Então, as vezes não é diretamente comigo, mas eu considero como uma ofensa. Igual quando alguém vai chamar alguém de gordo ou magro, ofendendo a pessoa que ta do seu lado, e ai fala: “ Não, mas não foi com você”. Então isso acontece. Mas no emprego, diretamente comigo não, mas já passei por situações que me incomodaram bastante mas não necessariamente comigo.

A maioria dos indivíduos entrevistados passou por situações desconfortáveis em seu ambiente de trabalho decorrente da cor da pele. Brincadeiras e palavras pejorativas foram denotadas nos conteúdos expressos nas respostas de quatro indivíduos entrevistados:

(E 13) - [...] Já presenciei sim. Às vezes a gente sabe que as pessoas falam com um tom de brincadeira, mas para uma pessoa escutar isso é sempre vindo da brincadeira de outras pessoas, às vezes magoa, é chato. Mas eu já ouvi de algumas pessoas assim: a tem que ser negro! Isso pra uma pessoa que é negro, porque tinha que ser negro, ser negro é uma coisa ruim? Mas eu já senti sim, coisa simples, mas denota algo negativo.

Para grande parte dos entrevistados o preconceito é manifestado contra os negros no Brasil de forma menos explícita, mas existe. Os indivíduos perceberam que as manifestações de preconceito hoje vêm em forma de brincadeiras e palavras pejorativas. Nota-se que os entrevistados não falam sobre hostilidade. Desta forma é necessário investigar profundamente as relações nas empresas, pois de acordo com Coelho Júnior, (2011), pode haver um desgaste nas relações de trabalho, não fica claro se as respostas denotam contorno de conflitos, ou uma luta para se manterem na dinâmica organizacional (COELHO JÚNIOR, 2011).

A busca pelo branqueamento, como relatada no referencial teórico anteriormente descrito, vivenciada no passado, hoje traz como consequência a inclusão de pardos no rol de pessoas que estão sujeitas a preconceito de cor e raça. Este preconceito segue enraizado na sociedade de acordo com Nucci, (2003). Esta situação leva a buscar mais respostas sobre os motivos que levam as pessoas a temerem identificar-se. Se por estereótipos, estigmas, enfim. É uma questão precisa ser aprofundada.

Quase todos os entrevistados entendem que as empresas que trabalham estão abertas à diversidade, pois demonstram tratar de forma justa e igualitária entre brancos e pretos. Isto é reforçado pelo fato de poderem se vestir, usar o cabelo de acordo com suas escolhas pessoais e não receberem quaisquer tipos de direcionamento em relação a este assunto nas organizações onde trabalham. A utilização de cabelos afro com tranças e *black-power* é citada pelos entrevistados como exemplo de liberdade. No entanto, chama atenção nesta pesquisa o fato de que muitos dos entrevistados, embora saibam da existência do preconceito, se sentem à vontade para se identificarem como negros no ambiente corporativo e que um dos motivos para isto advém das leis contra o racismo. Neste sentido, ressalta-se que no ambiente de trabalho não houve dificuldades das pessoas se autodeclararem negras não pela questão da aceitação ou por políticas de inclusão, mas por conta das leis antirracismo.

Sobre as oportunidades de carreira, metade dos entrevistados presenciou ou conheceu situações de pessoas que passaram por situações desconfortáveis na concorrência por vagas. As respostas foram diversas, contudo destaca-se o fato de que alguns entrevistados deixaram de participar de seleções por pensar que estão fora de padrão, porém não foram específicos ao dizer a qual padrão se referem.

E11 [...] Sim. Quando eu fui fazer uma entrevista na Infraero, só tinha eu de negra. Não fui aprovada.

Metade dos entrevistados vivenciou ou conheceu situações desfavoráveis aos negros no ambiente de trabalho. Alguns destacaram que por mais que confiem nos processos das empresas que trabalham, destaca-se o fato dos indivíduos se sentirem inferiorizados, não por outrem, mas por si mesmos. Isto pode indicar concordância com o sentimento de inferioridade racial descrito por Osório, (2013), causado pelo histórico vivido pelos negros em toda sua história no Brasil, e até mesmo pode ter como causa as experiências vividas por estes negros, que refletiram em sua autoimagem (SANTANA; CAMARGO, 1999).

(E10) [...] Sim, ela se sentiu rejeitada pelo cabelo que tem. A pessoa usava cabelo “Black” e eles não quiseram.

As situações conhecidas ou vivenciadas pelos entrevistados não os levaram a uma mudança na atitude relacionada ao preconceito ou racismo. Os indivíduos falam positivamente sobre a

empresa que estão inseridos. Tais situações não os levam a um movimento contra o racismo, havendo conformidade (FIGUEIREDO, 1998). Por fim, tal questão necessita de maiores investigações.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver um estudo sobre o tema “raça” no Brasil é um desafio por vários motivos, dentre eles se sobressai o medo existente de se falar abertamente sobre este assunto. Nas relações entre as pessoas de diferentes cores de pele este é um assunto delicado, quase proibido, seja na rua, nas escolas, igrejas ou nos mais diferentes espaços. A formulação do roteiro de perguntas para esta pesquisa foi o exemplo claro de cuidado que foi necessário ter, para não se criar perguntas que pudessem ser compreendidas como ofensivas. Seguir adiante foi realmente desafiador.

A pesquisa relatada neste trabalho ao atingir os objetivos propostos trouxe à tona alguns dados que não são totalmente novos, nem totalmente desconhecidos, embora sejam muitas vezes encobertos, tais como a existência do preconceito e da negação do negro em relação à própria identidade. Como dito no referencial teórico por alguns pesquisadores, talvez esta negação seja estrategicamente falando uma reação de defesa ou de sobrevivência por parte dos que sofrem a exclusão e a rejeição por simplesmente terem a pele escura, perante uma sociedade que valoriza sobretudo os de pele branca. No entanto, dados desta mesma pesquisa revelam um fato que é muito importante em meio a tantos outros, trata-se do conforto, da segurança e do apoio que os entrevistados relataram sobre a existência da lei contra o racismo. Este dado se torna central nas considerações finais deste trabalho, pois sem ele tudo mais seria redundante.

Uma reportagem veiculada pelo jornal El País, no dia 15 de novembro de 2015, mostra que o número de pardos e negros aumentou nos últimos dez anos, não pelo aumento na natalidade, mas pela influência da autodeclaração. Acredita-se que o aumento desta autodeclaração não foi decorrente de uma autoafirmação importante e necessária, mas esteja associada ao avanço, ainda que bem pequeno, das políticas públicas existentes no país que passaram a garantir indivíduo o direito de ser quem ele é sem que seja ofendido, humilhado, diminuído ou até mesmo assassinado. No entanto, ainda há muito o que fazer. Apesar do crescimento da sensação de orgulho, a mesma reportagem do El País relata que os negros ainda estão divididos entre ver positivamente sua cor e a situação em que o negro se encontra no Brasil, uma vez que ainda há reflexos do racismo no cotidiano. O negro no Brasil ainda é mais pobre que o branco, ainda ganha menos, ainda tem menos emprego...(IBGE, 2016). A marcha contra a redução da maioria penal foi liderada por mulheres negras que afirmam que seus filhos são os que mais sofrerão com as consequências desta escolha.

A principal contribuição deste estudo está na possibilidade de expandir as discussões relacionadas à autodeclaração, no sentido de que a escolha do indivíduo seja pautada em suas próprias decisões, sem influência de outrem, mas também alertar para a necessidade de uma atuação forte do Estado, das organizações públicas e da iniciativa privada no sentido de coibir, punir e controlar comportamentos que denotem a diminuição do valor social do negro ou de qualquer outro grupo social preterido na sociedade. Sugere-se que estudos futuros sejam feitos para investigar melhor os mecanismos existentes na sociedade e suas instituições que possam focar este fim.

Os objetivos deste estudo permitiram que as experiências vividas por vinte profissionais negros fossem identificadas, mas sua contribuição é pequena frente à necessidade de se conhecer a dinâmica em torno do negro nas organizações, em especial àquele que afirma sua condição na sociedade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Damião Alves de . **Tribunais Raciais? A Autodeclaração de Identidade Racial nos Processos Seletivos e sua Verificação.** 2011/2012. 10 f. Ano 5. Observatório da Jurisdição Constitucional. ISSN 1982-4564.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977

COELHO JÚNIOR, P. **Executivos negros: racismo e diversidade no mundo empresarial: Uma abordagem sócio-antropológica.** 2011. 553 f. Tese (Pós – Graduação em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2011.

FIGUEIREDO, Angela. **Fora do jogo: a experiência dos negros na classe média brasileira.** *Cad. Pagu*, Campinas , n. 23, p. 199-228, Dec. 2004

FREITAS, Carlos A. M: **Nação miscigenada ou nação multiétnica: qual você quer para o Brasil?** (PDE - Programa de Desenvolvimento Educacional) - Secretaria de Estado da Educação do Paraná - Núcleo R; de Educação Maringá;, 2009

HOFBAUER, Andreas ; Ideologia do branqueamento - racismo à brasileira?. In: VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro, 2000, Porto. **Actas do VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais.** Porto, 2000. v. II. p. 7-12.

HASENBALG, C.A.; MUNANGA, K.; SCHWZRCZ, L.M.: **Racismo: Perspectivas para um estudo contextualizado da sociedade Brasileira.** Rio de Janeiro, EDUFF, 1998.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: **Sinopse do Censo Demográfico 2010-** Rio de Janeiro: IBGE 2011. 261 p. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49230.pdf> .> Acesso em 28/03/2015

MAGNOLI, D. **Uma gota de sangue. História do pensamento racial.** São Paulo: Ed. Contexto, 2009.

MUNANGA, K. **Algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos.** *Revista USP*, São Paulo, n. 68, p. 48- 57, dez/fev 2005- 2006.

MUNANGA, K. **Lutas contínuas concretizam mudanças sociais e raciais.** V. 6 da coleção “2003-2010 O Brasil em transformação”, organizado por Matilde Ribeiro, edição no prelo.

NOGUEIRA, O **“Preconceito de marca, Preconceito de Origem”.** In: **Tanto preto quanto branco, estudos de relações raciais.** São Paulo, T.A. Queiroz, 1977.

NUCCI, P. **Alguns comentários sobre a temática racial nas obras de Roger Bastide.** (UNICAMP), Campinas - SP, v. 11, n. 21/22, p. 101 - 126, 2003.

OLIVEIRA, R.C. **Identidade Etnia e Estrutura Social**. Livraria Pioneira Editora, São Paulo, 1976. p.119

OSÓRIO, Rafael Guerreiro. **O sistema classificatório de “cor ou raça” do IBGE**. In: PESQUISA DE EMPREGO E DESEMPREGO NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO (PED-RMSP). **Diferenciais de inserção de negros e não negros no mercado de trabalho em 2013**.

POUTIGNAT, P.; STREIFF –FENART; J. **Teoria da Etnicidade: Seguindo de Grupos Étnicos e Suas Fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998.

SANSONE, L. **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil** Salvador : Edufba ; Pallas, 2003.

SANTANA, I.; CAMARGO, C.L. **Infância e Adolescência de Executivos Negros: Um Estudo Retrospectivo**. Rev. Bras. Cresc. Desernv. Hum., São Paulo, 9(2), 1999.

SISTEMA PED, Pesquisa de Emprego e Desemprego: **Os Negros no Mercado de Trabalho da Região Metropolitana de São Paulo 2009** – São Paulo: SEADE e DIEESE 2009. 16 p.

SOARES, Reinaldo. **Ascensão social e identidade negra em Salvador**.2004. n.63, p. 249-251- REVISTA USP, São Paulo.

TELLES, R. **A efetividade da matriz de amarração de Mazzon nas pesquisas em Administração**. Publicado em Revista de Administração, São Paulo, 2001.

TELLES E. E. **Racismo à brasileira: Uma nova perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.